

JULHO 2020 | NÚMERO 7

Nota de Reflexão do SLH

A Aprendizagem no Sector do Saneamento e Higiene

Dra. Sarah House, Consultora Independente

Esta Nota de Reflexão do SLH resume as principais conclusões de uma rápida exploração do tema da aprendizagem do sector do Saneamento e Higiene – de como o sector aprende horizontalmente e de como aprende com as comunidades. Pretende-se assim compreender os processos utilizados, como a aprendizagem está a ser integrada no nosso trabalho e ponderar as formas de avançar, com o objectivo de reforçar os processos de aprendizagem dentro do sector. Esta nota é acompanhada por um documento de reflexão mais longo.

Âmbito da análise

Esta análise implicou um estudo documental de literatura publicada e cinzenta e 32 entrevistas à distância com pessoas que trabalham em organizações e instituições em África, na Ásia e noutras partes do mundo. Foram entrevistados representantes de instituições de ensino e formação, universidades, organizações não governamentais, agências das Nações Unidas, governo, doadores e organismos de financiamento, organizações em rede, comunidades de prática e freelancers/sector privado.

Caixa 1: Principais ensinamentos

1. As pessoas que trabalham no sector de Água, Saneamento e Higiene (WASH, *Water, Sanitation and Hygiene*) aprendem de múltiplas formas – sendo de especial utilidade a aprendizagem em acção, na prática; a aprendizagem com os erros cometidos; e a formação presencial com planeamento de acção

e acompanhamento, e visitas de intercâmbio e imersões.

2. Há múltiplas barreiras à aprendizagem no sector de WASH – incluindo a diversidade de percursos e áreas de especialização do pessoal do sector, a rotatividade do pessoal, a existência de erros, mitos, preconceitos e incertezas na forma como operamos e aprendemos, a sobrecarga de informação e as limitações de tempo e recursos dedicados à aprendizagem.
3. São necessárias mais oportunidades de divulgação e aprendizagem das boas práticas de saneamento e higiene para funcionários autárquicos e pessoal a trabalhar no terreno e mais atenção focada na aprendizagem com as comunidades, incluindo aprender com as pessoas que podem ser mais desfavorecidas, e mais atenção também às metodologias mais apropriadas para este nível de aprendizagem.
4. Há necessidade de criar capacidades e confiança na aprendizagem, documentação e divulgação e no reforço das organizações de trabalho em rede do sector de WASH para poderem facilitar uma aprendizagem e uma divulgação mais eficazes.
5. Para aprender no sector de WASH e transformar esta aprendizagem em acção em larga escala, é importante assegurar a participação do governo desde as fases iniciais, e também a vários níveis – desde os níveis superiores aos níveis subdistritais.

Conclusões

Níveis de aprendizagem no sector do WASH

O sector de WASH é muito diversificado, com uma vasta gama de profissionais com percursos vários e de áreas diferentes, e necessidades de aprendizagem também muito diferentes. Também tem de haver aprendizagem a diversos níveis, que variam em termos de: a) profundidade e pormenorização; b) escala – aprendizagem por parte de indivíduos, de organizações e de sectores; c) pessoal a trabalhar no campo e pessoal de escritório; e d) âmbito, tanto sectorial como intersectorial.

Como as pessoas aprendem melhor

A forma como as pessoas aprendem melhor varia de pessoa para pessoa, com um vasto leque de mecanismos através dos quais podem aprender. Na figura 1 abaixo apresenta-se uma panorâmica das formas como geralmente as pessoas aprendem melhor.

O consenso geral dos entrevistados nesta exploração rápida do tema, é que, como sector, é preciso ter em conta um leque de abordagens adequadas às necessidades e ao nível de conhecimento das diferentes pessoas que aprendem. Breves notas de esclarecimento e vídeos são úteis para a sensibilização geral, mas são necessários documentos de orientação mais detalhados quando se começa a implementar. Um entrevistado neste estudo observou que, na sua organização, «os profissionais mais velhos e as mulheres costumam usar menos as redes em linha» e há quem as considere algo assustadoras e desaconselhe a sua utilização.

Um entrevistado neste estudo salientou também que é importante considerar «o que é eficaz e o que é popular?», já que podem ser duas coisas diferentes. Por exemplo, os webinars e o WhatsApp podem ser populares, mas não se sabe se são eficazes para se

conseguir melhor acção; enquanto que uma formação técnica mais directa e mais aprofundada – por exemplo, sobre como escolher o local para fossas e as conceber e construir, em solos difíceis – pode ser menos popular, mas essencial para garantir a qualidade dos programas.

Vários entrevistados neste estudo observaram que a capacidade de atenção das pessoas diminuiu e que existe uma necessidade de «manter as pessoas empenhadas – é como fazer sapateado». As metodologias participativas e a aprendizagem aberta são apreciadas e populares e mantêm as pessoas empenhadas, mas também implicam o risco de se poder estar a «divulgar a ignorância», pelo que precisamos da moderação de facilitadores com as competências e os conhecimentos apropriados. Um entrevistado no estudo observou que «o nosso trabalho precisa de muito bom senso – é preciso ensinar isso», e várias pessoas observaram também que o nível de competência técnica no sector tem vindo a baixar. Ambas as coisas são necessárias. Ver na Caixa 2 (p. 3) a discussão sobre navegar entre pontos de vista diferentes.

Aprender com as comunidades

As pessoas nas comunidades são especialistas nas suas próprias situações, mas muitas vezes não fazemos o suficiente para ouvir e aprender de facto com os membros da comunidade, sobretudo de membros da comunidade diferentes, tendendo a concentrar-nos mais nos líderes da comunidade ou nas pessoas que falam mais em público. Precisamos de fazer maiores esforços para aprender com as pessoas que podem ser mais desfavorecidas e menos visíveis e ter a certeza de «Não Causar Danos» quando trabalhamos com pessoas ao nível comunitário. Precisamos também de não nos limitarmos a extrair coisas das comunidades e a dar-lhes também actualizações e comentários, assegurando-nos embora de que isso também é feito com segurança e respeito.

Como as pessoas aprendem da forma mais eficaz

- Varia de pessoa para pessoa
- Arrumar a mesa
- Sem distrações
- Tempo só para aprendizagem
- Desligar computadores, telefones e internet



Figura 1: Como as pessoas aprendem melhor Fonte: da autora.

- Métodos comumente utilizados para aprender com as comunidades:** discussões em grupo, entrevistas aprofundadas; inquéritos aos agregados familiares; caminhadas e observações; inquéritos aos consumidores urbanos/inquéritos de satisfação dos utilizadores; e mapeamento de inquéritos à base de GPS.
- Métodos que são utilizados às vezes, mas não tanto como poderiam ser:** uma série de actividades participativas, tais como mapeamento comunitário; classificação; análise de barreiras; análise de género e inclusão social, etc.
- Métodos que são menos utilizados, mas com potencial para serem mais utilizados:** pesquisa imersiva; avaliações

conduzidas por crianças (ou por outros grupos); formação dada pela comunidade; concepção centrada no utilizador; PhotoVoice; vídeo participativo; e cartões de pontuação da comunidade.

Os métodos em 1) e 2) podem fornecer informação útil para ser utilizada nos programas, mas também têm potenciais limitações, incluindo as que dizem respeito ao nível de controlo que as comunidades têm sobre a direcção da aprendizagem. Apresentam-se no Quadro 1 (ver p. 3) alguns exemplos de métodos participativos do grupo 3) encontrados durante a exploração temática rápida e que são actualmente menos utilizados pelo sector de WASH, mas com potencial para uma utilização mais ampla.

Caixa 2: Navegar entre as opiniões de profissionais e de investigadores

Os profissionais esforçam-se por aproveitar estudos e trabalhos académicos e continua a haver divergências entre certos académicos e certos profissionais na forma como entendem o valor relativo de diferentes tipos de investigação e aprendizagem. Parte desta questão gira em torno de diferenças de opinião sobre o valor relativo da aprendizagem e investigação qualitativa e quantitativa, e subjacente a esta divergência, sobre o que é considerado «rigor» aceitável.

Mas há também exemplos de boas práticas de colaboração, particularmente no sector humanitário. Por exemplo, a ELHRA e o Fundo de Inovação Humanitária reuniram profissionais e académicos; e houve também exemplos de colaboração muito positiva entre profissionais do sector e determinados académicos. Por exemplo, académicos da Universidade de Tufts ajudaram o sector de WASH a resolver uma série de desafios práticos para desenvolver soluções simples, tais como a forma de limpar recipientes de água de forma eficaz e a pulverização de cloro por ocasião de surtos de doença (Lantagne s. d.; Yates *et al.* 2017).

Quadro 1: Métodos e abordagens menos usados para aprender com as comunidades e junto delas

MÉTODO/ FERRAMENTA	DESCRIÇÃO
Pesquisa imersiva (Praxis <i>et al.</i> 2017)	Uma metodologia baseada na abordagem de «assentar os pés no chão», em que os investigadores ou profissionais passam algum tempo a viver numa comunidade e a interagir com as pessoas. Útil para proporcionar às pessoas em questão uma revelação das realidades das comunidades e das suas práticas de saneamento e higiene, incluindo a aprendizagem com as pessoas que podem ser mais desfavorecidas. É uma oportunidade para confrontar as realidades no terreno com as crenças comuns sobre o que está a acontecer no sector (Chambers 2017). Para todas as actividades baseadas na comunidade, mas também para uma abordagem como esta, em que os investigadores que fazem imersões permanecem nas comunidades e dormem em casas dos membros da comunidade, é necessário dar particular atenção à sua formação sobre os riscos de causar danos aos membros da comunidade durante este processo, e como o impedir, incluindo as suas responsabilidades na prevenção da exploração e abuso sexual. A abordagem de pesquisa imersiva foi usada nos últimos anos pela PRAXIS, WaterAid, IDS e WSSCC em três locais na Índia.
Avaliações conduzidas por crianças (ou por outros grupos) (Hughston 2015)	Este método tem sido apoiado pela Plan Internacional no Zimbábue, Camboja e Quênia. Esta abordagem entrega a liderança da aprendizagem a um grupo específico no seio da comunidade – neste caso, as crianças. As abordagens utilizadas permitiram às crianças receber comentários da sua comunidade e avaliar o seu programa «Construir para a Vida», e fazer recomendações sobre como avançar, dando ao mesmo tempo uma oportunidade às crianças de adquirir competências e ganhar confiança. As abordagens e ferramentas precisam de ser desenvolvidas tendo em mente o grupo de avaliadores. Neste caso, utilizaram uma série de ferramentas visuais, tais como o mapeamento do corpo, utilizando partes do corpo de vários animais para representar sentimentos, caracóis de confiança, exercícios de classificação e exercícios de margaridas. Isto pode levar a descobertas interessantes que podem não ter sido antes consideradas. É um exemplo de levar à prática a abordagem «nada sobre nós sem nós!». Vários grupos de pessoas da comunidade poderiam realizar essas avaliações, incluindo, por exemplo, pessoas com deficiências.
Formação dada pela comunidade	Este método, apoiado pela Visão Mundial no Maláui, envolve o apoio a membros da comunidade de origens diferentes para documentarem as suas experiências através de diversos meios (documentos, vídeo, dramatização, etc.). Tornam-se então os professores de funcionários e parceiros que passam de um a três dias na comunidade, conhecendo cada professor comunitário e aprendendo com ele.

Cartões de pontuação da comunidade (Mwanza & Gambi 2011)	Os cartões de pontuação da comunidade são instrumentos de responsabilização social que podem ser utilizados pelas próprias comunidades para monitorar instalações, instituições ou serviços locais, incluindo, por exemplo, unidades administrativas governamentais, como sejam assembleias distritais.
Concepção centrada no utilizador (Blenkin & Ereira 2017)	Este método está a ser cada vez mais promovido para ser usado em contextos de ajuda humanitária. Leva os principais utilizadores a participar na concepção e nos comentários a protótipos para influenciar as concepções posteriores. A concepção centrada no utilizador foi uma abordagem utilizada pela OXFAM, conhecida como Projecto de Arquitectura Social (Farrington 2018), que visava apoiar as mulheres para contribuírem para a concepção das instalações de WASH nos campos de rohingyas.
Contar histórias: PhotoVoice (Bhakta 2020)	PhotoVoice é um método em que os membros da comunidade recebem formação para usarem uma máquina fotográfica e são convidados a tirar fotografias para contar a sua história sobre um determinado assunto. São eles que escolhem as questões a que decidem dar prioridade, o que pode levar a conclusões interessantes (Bhakta 2020). Este método foi utilizado no Nepal para pesquisa sobre higiene menstrual para raparigas com deficiência intelectual (Wilbur 2018) e no Paquistão para pesquisas sobre pessoas com deficiência que vivem com incontinência (Ansari 2017). O método exige, porém, muita atenção à ética do processo, e em particular à autorização de utilização de fotografias, também quando a pessoa envolvida tira fotografias a terceiros.
Contar histórias: vídeo participativo	Os vídeos são feitos por membros da comunidade, que contam histórias e partilham as suas experiências e opiniões. Os membros da comunidade podem receber apoio para fazer os seus próprios filmes curtos. Assumem o controlo do tema e da edição, e podem optar por dramatizar argumentos. É também necessário cuidado com a questão da autorização para a forma como o vídeo resultante é utilizado e assegurar que todas as pessoas que aparecem do vídeo tenham dado autorização.

Aprendizagem entre pares

Utiliza-se actualmente no sector uma vasta gama de métodos para aprendizagem entre pares. Na Figura 2 aqui a seguir destacam-se alguns desses métodos.

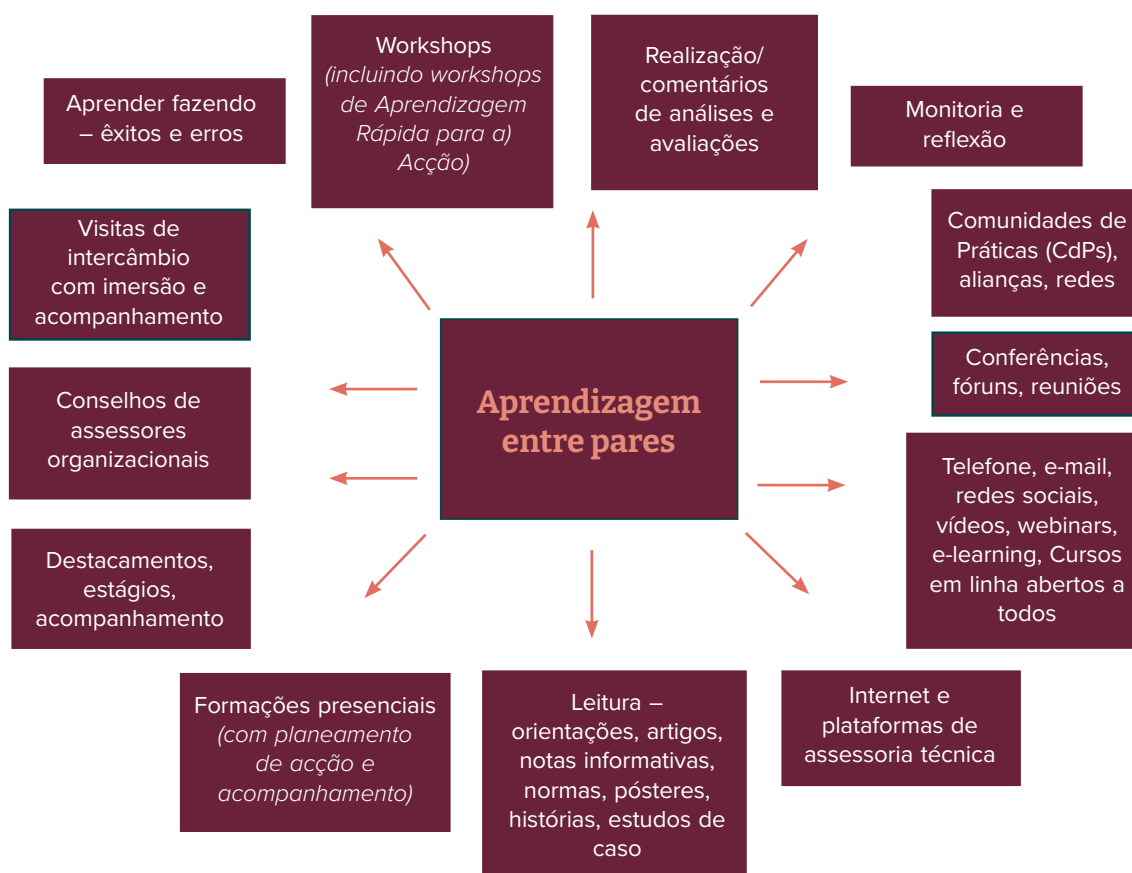


Figura 2: Métodos e ferramentas actualmente usados para aprendizagem entre pares. Fonte: da autora

No Quadro 3 a seguir, apresentam-se exemplos de como são usadas no sector algumas dessas abordagens de aprendizagem e divulgação.

Caixa 3: Exemplos de abordagens de aprendizagem e divulgação usadas no sector

- 1. Redes sociais/grupos de WhatsApp:** Houve uma explosão da utilização de grupos de WhatsApp para apoiar e incentivar a divulgação e a aprendizagem em programas de saneamento. Embora o nível de participação seja encorajador, são necessárias mais pesquisas para avaliar a utilidade do WhatsApp na divulgação de respostas aos desafios persistentes com que os implementadores se debatem, se a capacidade aumenta e se está a resultar em mudanças no terreno. Um entrevistado do estudo destacou que um grupo de WhatsApp se revelou muito útil para divulgar a aprendizagem em todo o sector de WASH na Nigéria, por exemplo, para divulgar experiências sobre cultura e tradições e o impacto que têm no sucesso da eliminação do feccalismo a céu aberto. Um estudo recente na Indonésia conclui, porém, que, embora as aprendizagens possam ser instantâneas, podem ser difíceis de consultar posteriormente.
- 2. Cursos em linha abertos a todos (MOOCs):** Houve mais de 95.000 participantes a inscrever-se nos cursos em linha do EAWAG na série «Saneamento, Água e Resíduos Sólidos para o Desenvolvimento», incluindo mais de 50% oriundos de países de baixo e médio rendimento e um grande número do sector de WASH.
- 3. Comunidade de Práticas (CdPs), alianças e redes:** Oferecem um leque de possibilidades de aprendizagem, cada qual com mecanismos e enfoques diferentes, especialmente a níveis gerais de sensibilização. Uma CdP interna dentro da WaterAid, na sua campanha «Começo Saudável» (Healthy Start, WaterAid s. d.), revelou-se muito eficaz. Constatou-se que o sucesso desta CdP e da campanha se deveu em parte à clareza desta campanha voltada para o exterior e dirigida aos governos, à Organização Mundial da Saúde (OMS) e à Assembleia Mundial da Saúde, com fornecimento de orientação prática sobre como os programas nacionais poderiam participar – bem como as competências da pessoa que facilitou a CdP.
- 4. Comunidade de Prática para pessoas a trabalhar no terreno:** Foi criada em Cox's Bazar, no Bangladexe, uma Equipa Nuclear de Facilitação (ENF) cujo objectivo era reunir equipas de promoção da higiene de todas as agências, com vista a melhorar a qualidade e aumentar a coerência dos trabalhos de promoção da higiene (House 2019). Considera-se que a ENF foi eficaz, já que a aprendizagem é facilitada na língua bangla, é flexível, assente nas necessidades de aprendizagem contínuas e foi também facilitada por uma pessoa dinâmica.
- 5. Institucionalização da divulgação organizacional interna:** A Visão Mundial desenvolveu uma abordagem a que chamou «Laboratórios de Aprendizagem», em que cada participante num evento ou num processo de aprendizagem é obrigado a escrever o que aprendeu, o que vai fazer e de que recursos e apoio precisa. Os seus supervisores fazem acompanhamento ao fim de três meses para avaliar o seu progresso.
- 6. Fóruns e plataformas em linha:** Os exemplos incluem um grupo Yammer focado em WASH na escola e os SuSanA (<https://www.susana.org/en/>). Conclui-se que ambos traziam benefícios a alguns grupos de utentes e em tipos específicos de aprendizagem, mas também têm limitações. São também valorizadas as pastas profissionais em linha, onde as pessoas podem ir procurar apoio profissional, como o «KnowledgePoint» (Redr UK, <https://www.redr.org.uk/Training-Learning/KnowledgePoint>), que oferece aconselhamento num esquema de *crowdsourcing*.
- 7. Rede de temas específicos:** Existe também uma variedade de redes com temas específicos, como a «Aliança de Saneamento à Base de Contentores» (Container-based Sanitation Alliance, 2019). Considera-se que funciona bem, possivelmente porque o seu número de membros é limitado, já que poucas organizações trabalham especificamente com saneamento à base de contentores, e tem um enfoque próprio.

Transformar a aprendizagem e a divulgação em acção a grande escala

Existem vários factores que afectam a possibilidade de transformar a aprendizagem em acção a grande escala. Ter acesso a informação sobre novos conteúdos de aprendizagem é apenas o primeiro passo.

- **Ao nível individual:** É necessário ter o momento de descoberta ou revelação, em que uma pessoa é levada a entender a razão de um determinado enfoque ou abordagem e, em seguida, assimilar a informação e aprender com ela. Também é necessário desenvolver o compromisso de agir e agir de facto para influenciar as suas organizações e outras em todo o sector.
- **Para os decisores:** É necessário convencer os decisores a darem prioridade à questão. Em seguida, precisa de ser integrada nos sistemas, nos orçamentos a serem atribuídos e para a eficácia das actividades e processos a monitorar.
- **Ao nível sectorial:** É precisa uma massa crítica de promotores que mantenham a questão na ordem do dia. Precisa de ser integrada nas políticas e estratégias e para preparar orientações. Também é necessária capacitação a todos os níveis, para que as pessoas tenham confiança e capacidade de agir.

Eis as oportunidades para acelerar o processo de transformar a aprendizagem em acção em grande escala:

1. Aprendizagem contínua, feedback iterativo para programas e sistemas, fortalecer e estruturar sistemas de aprendizagem e ciclos de feedback e aproveitar melhor os sistemas de monitoria e avaliação (M&A).
2. Maior participação dos principais actores do governo ao nível distrital e mais local, bem como dos principais decisores das etapas anteriores.

Exemplo

«As actividades não podem ser realizadas ao nível central – são implementadas a partir das autoridades autárquicas. Se estas estiverem capacitadas, eles podem avançar e executá-las nas aldeias» (entrevista com informante-chave [KII]).

Workshops de Aprendizagem Rápida para a Acção facilitadas pelo WSSCC e pelo Centro de Aprendizagem de Saneamento foram usadas na Índia ao nível nacional, estadual, subestadual e distrital para apoiar o reforço da Missão Swachh Bharat (Chambers *et al.* 2018). A maioria dos participantes eram funcionários autárquicos que implementam o programa, bem como decisores que podem aprovar os planos feitos.

3. Colaboração eficaz e coerente de agências de apoio aos governos, para evitar a duplicação de esforços e não confundir os governos com múltiplas diferenças de abordagem.
4. Apoio à colaboração de vários actores e liderança governamental na aprendizagem.

Exemplo

Na Tanzânia, foi criada uma Coligação Nacional de Higiene e Saúde Menstrual (HSM) de um vasto leque de grupos de interesse que pretendem aprender e promover um melhor apoio à HSM em toda a Tanzânia.¹ Esta coligação tem mais de 170 membros em todo o país. Inclui representantes de agências governamentais, agências da ONU, sector privado, ONGs e instituições de pesquisa, bem como vários deputados à Assembleia Nacional. Estes membros colaboram em diferentes actividades de advocacia e aprendizagem, incluindo trabalho com a comunicação social e incentivá-la. Em nome da coligação de HSM, o UNICEF apoiou recentemente o Gabinete Presidencial para Administração Regional e Autarquias (PO-RALG) com fundos para uma pesquisa nacional sobre HSM na Tanzânia. Esta pesquisa foi realizada pelo Instituto Nacional de Pesquisa Médica, que faz parte do Ministério da Saúde, Desenvolvimento Comunitário, Género, Idosos e Crianças. Será usada, no futuro próximo, para servir de base à programação de HSM baseada em evidência e para os principais esforços de advocacia com um grande conjunto de partes interessadas.

5. Ligar o trabalho político de advocacia com incentivos à acção.
6. Parcerias a longo prazo e colaboração com redes de autarquias e redes nacionais de WASH.
7. Apoio ao desenvolvimento de um ambiente propício para reforçar a aprendizagem.

8. Capacitação ao nível individual, institucional e sectorial (incluindo do sector privado) e apoio à formação de formadores para facilitação e competências de aprendizagem participativa.

Exemplo

No âmbito do Fundo de Saneamento Global, o WSSCC também apoiou uma visita a Madagáscar de uma série de equipas de diferentes países, para aprenderem sobre a Abordagem de Acompanhamento Mandona (Fundo de Saneamento Global/Fonds d'Appui pour l'Assainissement 2016) para fazer seguimento do progresso das comunidades na obtenção do estatuto de «livre de feccalismo a céu aberto». Passaram na ilha 3-4 semanas de trabalho intenso, em vez de apenas alguns dias, e, quando voltaram para seus países, foi feito seguimento ao seu trabalho, em vez de cada um decidir o que fazia. Vários entrevistados nesta exploração temática rápida notaram que viram melhorias em grande escala depois desta oportunidade de aprendizagem.

Determinar a eficácia da aprendizagem e como esta foi transformada em acção em grande escala

No que respeita à medição da eficácia da aprendizagem e à transformação da aprendizagem em acção, estão a ser utilizados diversos métodos. Trata-se de métodos que: a) incluem o mapeamento de actividades e feedback relativamente às actividades; b) analisam o alcance dos resultados; e c) analisam a adopção e a utilização dos resultados, resultados e impactos. Usam-se métodos bastante diversificados, que vão desde o levantamento de citações de publicações, dados quantitativos sobre download de materiais e acesso a páginas da Internet até histórias de mudança, análise de contribuições, inquéritos de resultados/impacto do utilizador, mapeamento de resultados e avaliações.

Foi apontada a necessidade de se centrar mais nos resultados que nos produtos, tendo já sido feitos alguns progressos nesta direcção. Contudo, foi também reconhecido que é difícil avaliar a eficácia da aprendizagem resultante de actividades específicas, ou seja, os resultados e impactos, porque a aprendizagem é um processo e acontece ao longo do tempo, com diferentes oportunidades de aprendizagem que se desenvolvem umas a partir das outras e contribuem para o processo geral de mudança. Também pode ser difícil fazer posteriormente o seguimento das pessoas, algum tempo após a conclusão da actividade de aprendizagem, devido à rotatividade do pessoal. São necessários ciclos efectivos de feedback entre a M&A e a programação, mas isto nem sempre acontece. Além disso, a forma como a aprendizagem se traduz em políticas e prática é ainda mais difícil de determinar.

«As maneiras como as práticas e as políticas mudam não são simples... Combinam-se muitos factores políticos e pessoais para influenciar a adopção de evidência na alteração de políticas e práticas. É mais provável que a mudança resulte de uma «massa crítica» de pesquisa sobre um tema e talvez constitua mais um «ponto de viragem» específico do que de um projecto de pesquisa isolado» (Carter *et al.* 2014: 2)

Alguna M&A também é considerada inútil para os implementadores e vista como sendo mais para benefício de doadores e políticos que querem provar o seu êxito. Houve quem sentisse que se gasta demasiado tempo em M&A em detrimento da programação, tendo

sido colocada a questão de saber se, enquanto sector, estaremos a sofrer de «transtorno obsessivo de medição» (Pasanen 2019). Foi também apontado que muitas vezes não somos realistas quanto ao que se deve esperar de nós em prazos limitados, e depois não ficamos satisfeitos ou somos críticos quando não são atingidos objectivos e metas demasiado ambiciosos.

«Prazo – estamos a aprender o que funciona e precisamos de ser realistas se tivermos três, quatro ou cinco anos de financiamento. Raramente vemos planos de mais de cinco anos e temos de ser realistas sobre o que se pode alcançar neste tempo. Cinco anos é ao mesmo tempo um período muito longo e muito curto» (KII).

Barreiras e desafios à aprendizagem

Juntamente com as oportunidades, há também muitas barreiras e desafios à aprendizagem. Por exemplo:

1. Os diversos percursos e especializações do pessoal, as atitudes dos funcionários, as relações com os doadores e as atitudes do pessoal de gestão e recursos humanos, que podem criar desigualdades nas possibilidades de aprendizagem.
2. A rotatividade do pessoal, a falta de oportunidades de aprendizagem estruturada e as limitações no empenho na aprendizagem e na prioridade dada ao tempo para aprender com as comunidades.

«Há grandes barreiras relacionadas com as percepções do tempo – tempo real ou tempo percebido. Os profissionais sentem que não têm tempo para mais nada. Quando têm esta percepção, deixam de lado toda a aprendizagem e o trabalho com a comunidade é mau. Usam-se atalhos e acabamos por ter problemas secundários.» (KII)

3. O uso do jargão e da língua, bem como as diferenças de confiança e capacidade de escrita e leitura.

Exemplo

Muita aprendizagem é documentada e divulgada em inglês, o que faz com que as pessoas que não falam inglês ou que o têm como segunda língua tenham menos possibilidades de ter acesso a ela. Em resposta a isto, a WaterAid aumentou o seu empenho em melhorar o acesso aos documentos e certifica-se regularmente de que estes estão disponíveis em três ou quatro línguas principais: inglês, francês, português e espanhol. Esta organização também começou a traduzir projectos de relatórios para francês, para permitir que os falantes de francês contribuam para a revisão de documentos e também apoiem workshops na África Ocidental e Central em duas línguas, com ecrãs duplos e tradução paralela.

4. Lacunas no acesso à informação para pessoas com deficiência, riscos éticos e riscos de causar danos.

Exemplo

No Nepal, uma equipa da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres e parceiros seus elaboraram material visual específico para HSM para raparigas com dificuldades

de aprendizagem. O material incluía uma boneca e fotografias (Wilbur 2018), que foram utilizadas para explicar a informação e também para comunicação biunívoca.

Um estudo nacional no Butão para investigar quem foi deixado para trás no programa nacional de saneamento e higiene (Choden & House 2019), integrou formação sobre «Não Causar Danos» na formação da equipa que o realizou.

5. Relutância em divulgar coisas que não correram bem ou que são entendidas como «fracassos», com particular preocupação em admiti-los perante os doadores.

Exemplo

«As pessoas são extremamente territoriais – ouço muitas vezes pessoas a falar mal dos outros. A gestão do conhecimento também se centra muitas vezes na tentativa de nos vendermos e de nos relacionarmos com os indivíduos, em vez de sermos verdadeiros. Estes factores também restringem a vontade de partilhar os fracassos.» (KII)

Um esforço positivo para aumentar o empenho de aprender com os fracassos foi a elaboração do «Acordo de Nakuru: Falhar melhor no sector do WASH» (Leeds University 2018). O objectivo é inspirar as pessoas a comprometerem-se publicamente a dar conta dos seus fracassos e a aprender umas com as outras. Em Julho de 2020, tinham-se inscrito 212 profissionais do sector, 11 organizações e um evento.

6. Um ambiente propício que não apoia a atribuição de prioridades à aprendizagem e falta de vontade política.
7. Erros, mitos, preconceitos e incertezas na forma como aprendemos, bem como tensão entre abordagens qualitativas e quantitativas, com divergências contínuas entre alguns académicos e profissionais sobre o valor de diferentes tipos de investigação e abordagens de aprendizagem, e o que se entende por «rigor aceitável».

Exemplo

São exemplos de fontes de erros e mitos todos aqueles cuja causa é o poder e os interesses pessoais, o ego, o orgulho e o estatuto, divulgar conclusões que, convenientemente, confirmam crenças e extrapolar fora do contexto. As parcialidades e as incertezas podem ser devidas a «ignorância estratégica», quando não queremos saber alguma coisa, ou devido a «táticas», como sejam arquivar um relatório, mantê-lo confidencial, modificá-lo ou limitar a sua circulação. As parcialidades também se podem dever a um enfoque espacial, como sejam dar prioridade a visitas a comunidades próximas do «alcatrão» ou do «aeroporto», ou apenas em visitas durante certas estações. Pode também haver parcialidades diplomáticas, em mostrar-se relutante em abordar temas sensíveis (Chambers 2017).

8. Oportunidades e recursos desiguais e variações na capacidade dos facilitadores e formadores.

9. Existem também lacunas na partilha de aprendizagem entre agências, com uma divulgação mais regular no seio das organizações, e corre-se o risco de que os actores do sector «sigam modas» ao escolherem o que aprender. Por exemplo, aprender e agir sobre questões específicas, porque os grandes actores (Gates, o Banco Mundial, etc.) se estão a centrar nelas, em vez de aprender o que está a surgir das realidades no terreno.
10. Enormes quantidades de informação também colocam grandes desafios, e trazem também alguma preocupação sobre a percepção da proliferação de mecanismos de aprendizagem – por exemplo, a existência de uma série de fóruns em linha, onde, por vezes, são discutidas questões semelhantes, e também o tempo que leva a colaborar nesses fóruns, mesmo que incidam em questões diferentes. Existe também uma resistência à leitura, o que limita o impacto potencial da divulgação sob forma de documentação.
8. Reflectir sobre os diferentes tipos de rigor e o valor das abordagens qualitativas versus quantitativas, juntando pessoas que defendem os diferentes tipos de pesquisa e aprendizagem nesse espectro, para maior compreensão mútua e respeito de diferentes métodos para diferentes fins.

Criar capacidades e confiança para a aprendizagem:

9. Aumentar a atenção às oportunidades de apoio à aprendizagem para autarquias e pessoal a trabalhar no terreno, que tendem a ter menos possibilidades que as pessoas que trabalham nas sedes, a nível nacional ou internacional.
10. Criar capacidades e confiança em como aprender, documentar e divulgar a aprendizagem, sobretudo de quem trabalha no terreno e a nível da administração local.
11. Ponderar se poderia haver oportunidades para o sector desenvolver alguma forma de acreditação para o pessoal do sector de WASH, com competências nucleares básicas e uma necessidade de objectivos de desenvolvimento profissional contínuo, de modo a encorajar a aprendizagem contínua como aspecto essencial do trabalho no sector de WASH.
12. Ponderar se há oportunidades de estabelecer mais ligações com estudantes de mestrado e doutoramento (particularmente de países de baixo e médio rendimento, nos seus próprios países e também quando estudam a nível internacional).
13. Reforçar também a rede ou organizações de aprendizagem existentes para poderem facilitar a aprendizagem e a partilha de forma mais eficaz, também através da formação de facilitadores e investigadores, ou do estabelecimento e gestão de centros ou plataformas de recursos.

Transformar a aprendizagem em acção:

14. Ponderar como o processo de aprendizagem e a utilização dessa aprendizagem para a transformar em acção pode ocorrer reiteradamente e com maior rapidez e eficácia.
15. Aumentar a colaboração e a coerência do apoio ao governo por parte de agências externas, particularmente para o desenvolvimento de estratégias actualizadas e novas.
16. Aumentar a liderança para a aprendizagem e o envolvimento com o governo a diferentes níveis, tanto a nível das autarquias como a nível da tomada de decisões a alto nível.

Recomendações para o sector

Seguem-se recomendações para reforçar a aprendizagem dentro do sector de WASH:

Reforçar os processos de aprendizagem e divulgação:

1. Divulgar experiências de como se dá a aprendizagem dentro das nossas organizações, identificando e partilhando exemplos de boas práticas – em particular, como sistematizar a reflexão e a aprendizagem, e transformá-las em acção.
2. Reflectir continuamente sobre como aprendemos da forma mais eficaz e prestar mais atenção aos métodos mais eficazes, a fim de reforçar a qualidade das oportunidades de aprendizagem.
3. Prestar mais atenção a como aprender melhor com as comunidades e, em particular, com as pessoas que podem ser mais vulneráveis, marginalizadas ou de outra forma desfavorecidas, utilizando métodos que aumentem a sua capacidade e a sua confiança para estarem dispostas e aptas a falar. Isto inclui como «Não causar danos» e experimentar metodologias participativas menos utilizadas, para concluir como a aprendizagem com as comunidades se pode tornar mais eficaz.

Melhorar a qualidade dos processos de aprendizagem:

4. Incentivar os actores do sector a serem mais abertos em relação aos desafios e a aprenderem com coisas que não funcionaram como planeado ou aprender com os fracassos.
5. Reflectir sobre os nossos próprios erros, mitos, preconceitos e incertezas habituais e ponderar como reduzir ou minimizar os seus impactos negativos.
6. Aumentar a diversidade de possibilidades de aprendizagem e de contribuições para a aprendizagem, tendo em conta as barreiras que diferentes pessoas podem enfrentar para poderem participar, incluindo pessoas de géneros, idades e origens diferentes e pessoas com deficiência.
7. Analisar os sistemas de M&A para ponderar a sua utilidade para aprendizagem para os programas e reforçar a base de factos comprovados. Em conjunto com os doadores, ponderar se estes sistemas podem ser modificados para aumentar a utilidade da aprendizagem contínua para os programas, e transformar esta aprendizagem em acção.

Nota final

¹Estudo de caso documentado no âmbito de uma revisão sobre HSM do WSSCC em 2020

Agradecimentos

Sinceros agradecimentos a todos os entrevistados para esta análise exploratória rápida por partilharem as suas experiências, perspectivas e documentos e pelo seu entusiasmo para melhorar a eficácia da aprendizagem no sector de WASH.

Foram entrevistados para este trabalho de reflexão consultores independentes, bem como representantes das seguintes instituições, programas, alianças ou redes — ou pessoas que para elas trabalharam: BuroHappold Engineering, Bushproof, Container-Based Sanitation Alliance, Ministério Federal da Água da Nigéria, Humanitarian Innovation Fund/ELHRA, Institute of Development Studies, IMC Worldwide, Escola de Higiene e medicina tropical de Londres (incluindo o programa SHARE, Sanitation and Hygiene Research for Equity), Overseas Development Institute, OXFAM, Plan Internacional, Administração Regional do Gabinete Provincial e Autoridades Autárquicas da República Unida da Tanzânia, Richard Carter & Associated Ltd, SanCop UK, Sanitation and Water Action, Tanzânia, Swiss Federal Institute of Aquatic Science and Technology, Tanzania Water and Sanitation Network, Tufts University, UNICEF, Universidade de Leeds, Visão Mundial, Water & Sanitation for the Urban Poor Water Engineering and Development Centre, Water Supply & Sanitation Collaborative Council, WaterAid e World Vision.

Obrigada também à Dra. Jo Howard (Bolsista de Investigação e Directora de Núcleo, IDS) pela revisão de pares da versão preliminar do documento e pelos seus importantes comentários e sugestões, bom como a Naomi Vernon e a Jamie Myers pela coordenação geral, orientações e contribuições.

Bibliografia

Bhakta, A. (2020) '[Uncovering WASH realities through PhotoVoice](#)', *SLH Learning Paper 9*, The Sanitation Learning Hub, Brighton: IDS (accessed 16 June 2020)

Blenkin, A. and Ereira, E. (2017) [UCD, A Guide to User-Centred Design Tools for Humanitarian Innovation](#) (accessed 12 June 2020)

Carter, R. C., Flynn, E., Jansz, S. and Smith, J. (2014) [Research-into-Use: A Short Guide](#), SHARE (accessed 19 June 2020)

Chambers, R. (2017) [Can We Know Better? Reflections for Development](#), Rugby: Practical Action Publishing (accessed 19 June 2020)

Chambers, R., Mishra, V. and Myers, J. (2018) [Convening and Facilitating Rapid Action Learning Workshops for the Swachh Bharat Mission-Gramin \(SBM-G\)](#), Brighton: IDS and WSSCC (accessed 20 July 2020)

Choden, T. and House, S. (2019) [Leaving no-one Behind, National Rural Sanitation and Hygiene Programme \(RSHAP\) of Bhutan, Beyond the Finish Line Research Report, Sustainable Sanitation and](#)

[Hygiene for All – Bhutan](#), Sustainable Sanitation and Hygiene for All – Bhutan, SNV Bhutan (accessed 19 June 2020)

Container-based Sanitation Alliance (2019) <https://www.cbsa.global/#/> (accessed 19 June 2020)

Global Sanitation Fund/Fonds d'Appui pour l'Assainissement (2016) [Follow-up MANDONA: A Field Guide for Accelerating and Sustaining Open Defecation Free Communities](#), WSSCC (accessed 19 June 2020)

House, S. (2019) [Strengthening the Humanity in Humanitarian Action in the Work of the WASH Sector in the Rohingya Response: Gender, GBV and Inclusion Audit of the Work of the WASH Sector and Capacity Development Assessment](#), UNICEF and the WASH Sector, Cox's Bazar, Bangladesh (accessed 17 June 2020)

Hughston, L. (2015) [Transforming a Lizard into a Cow: Child-Led Evaluation of the Building Skills for Life Programme in Zimbabwe](#), Plan International UK/Plan International Zimbabwe (accessed 17 June 2020)

Lantagne, D. (n.d.) [Water, Sanitation, and Hygiene in Outbreak Response](#), PhD research presentation, Tufts University (accessed 19 June 2020)

Leeds University (2018) [The Nakuru Accord: Failing Better in the WASH Sector](#), Leeds University (accessed 23 June 2020)

Mwanza, J. and Ghambi, N. (2011) '[The community scorecard process: Methodology, use, successes, challenges and opportunities](#)', in *Young Citizens: Youth and Participatory Governance in Africa*, PLA Notes, 64: 187-193 (accessed 17 July 2020)

Pasanen, T. (2019) '[Are we suffering from obsessive measurement disorder?](#)', *From Poverty to Power*, OXFAM (accessed 19 June 2020)

Praxis, CLTS Knowledge Hub/IDS and WaterAid (2017) [Swachh Bharat Mission \(Gramin\) Immersive Research, Main Report](#), Brighton: IDS (accessed 19 June 2020)

WaterAid (n.d.) [Healthy Start](#), WaterAid (accessed 19 June 2020)

Wilbur, J. (2018) [Disability and Menstruation in Nepal: How We Developed Our Behaviour Change Intervention](#), WaterAid (accessed 19 June 2020)

Yates, T., Allen, J., Leandre Joseph, M. and Lantagne, D. (2017) [WASH Interventions in Disease Outbreak Response, Humanitarian Evidence Programme](#), Oxford: Oxfam GB (accessed 17 July 2020)



 /SanLearningHub

 @SanLearningHub

 @SanLearningHub



Citação correcta: House, S. (2020) "A Aprendizagem no Sector do Saneamento e Higiene", Nota de Reflexão do SLH Nº 7, The Sanitation Learning Hub, Brighton: IDS

Primeira edição: 2020
© Institute of Development Studies 2020
Alguns direitos reservados – ver licença de direitos de autor para mais informação.

ISBN: 978-1-78118-698-5

Para mais informações, contacte:
The Sanitation Learning Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE
Tel.: +44 (0)1273 606261
Email: SLH@ids.ac.uk
Site: <https://sanitationlearninghub.org>

Esta série foi licenciada com uma licença Creative Commons de Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt>).

Atribuição: Deve atribuir o devido crédito da maneira especificada pelo autor ou licenciante.

NãoComercial: Não pode usar este trabalho para fins comerciais. **SemDerivações:** Não pode alterar, transferir ou transformar este trabalho.

Os utentes podem copiar, distribuir, exibir, traduzir ou levar à cena este trabalho sem autorização por escrito. Para cada novo uso ou distribuição, deve deixar claro para terceiros os termos da licença desta obra. Se usar o trabalho, pedimos que faça referência ao site do SLH e envie uma cópia do trabalho ou um link para a sua utilização em linha para o seguinte endereço: Sanitation Learning Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE, Reino Unido (SLH@ids.ac.uk).



Este documento foi financiado pela Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional, ASDI. A ASDI não partilha forçosamente os pontos de vista expressos neste material. A responsabilidade do conteúdo cabe exclusivamente aos autores.

